

IDEAÇÃO E IDEOLOGIA NA PEDAGOGIA DAS LÍNGUAS

N. S. PRABHU *

Tradução: Rita C. Tardin Cardoso **
Maristela M. Kondo Claus

ABSTRACT

Two forms of intellectual activities, those of ideation and ideology, are discussed in the perspective of their importance for the area of language studies in general and more specifically for the learning and teaching of languages. By ideation it is meant the general processes leading to knowledge - the search for knowledge in an effort to obtain comprehension as a way of satisfying the needs of the mind. Ideology, on the other hand, consists of improving things in the world. The article builds on the argument that a lack of discrimination between the two concepts leads to a number of misguided positions and conclusions in the applied language studies concerned with language learning and teaching.

Neste trabalho, faço uma distinção entre duas formas de atividades intelectuais e indico a importância para nós, no campo dos estudos da Linguagem, de ter em mente essa distinção, para que cada forma de atividade possa ser entendida com maior clareza e integridade. A essas duas formas de pensamento denomino ideação e ideologia enfatizando a diferença entre ambas, uma vez que ela não me parece estar clara atualmente no debate acadêmico.

Defino como ideação, o processo de desenvolvimento de idéias ou conceitos com os quais podemos entender a natureza do mundo em que vivemos. Ideação é a construção do conhecimento. Tentamos compreender um dado fenômeno formando um modelo conceitual, isto é, concebendo possíveis propriedades, processos e mecanismos que podem explicar o que é observado. O motivo básico para a formulação de tal modelo é uma necessidade fundamental da mente humana – a necessidade de fazer sentido do mundo em que se vive, para se compreender os muitos sistemas enigmáticos e eventos que se vêem e se experimentam. O ser humano parece necessitar de uma idéia do mundo e de como se relacionar com ele. Um escritor (Judson, 1985) refere-se a isso como a fúria do saber – uma exigência instintiva e insistente da mente humana que tem atuado através da história da humanidade. Pode ser um impulso interior de decifrar coisas e resolver problemas, ou talvez uma resposta para a natureza ameaçadora do que

* O Dr. Nagore S. Prabhu é pesquisador independente e reside atualmente em Bangalore, Índia.

** Agradecemos a Carlos Magno Gonzaga Cardoso pelas contribuições inestimáveis ao texto traduzido. Obviamente, é nossa inteiramente a responsabilidade por eventuais limitações que permaneçam em nossa tradução.

não se compreende – um medo profundo do desconhecido. O modelo conceitual que é criado e considerado satisfatório, isto é, capaz de explicar fenômenos relevantes de maneira convincente para muitas pessoas – é o que chamamos conhecimento. Saber uma coisa é ter uma idéia satisfatória da maneira como é feita, de como funciona, etc. Ideação é, portanto, uma questão de desenvolver modelos conceituais e testar seu poder.

O conhecimento, visto dessa maneira, não é o mesmo que verdade, se a verdade for vista como uma realidade perfeita e absoluta. O conhecimento é mutável e está de fato em processo de mudança a maior parte do tempo. Um conceito que parece ser satisfatório hoje pode não o ser amanhã, porque pode haver aspectos que o excedam, assim como pode surgir uma avaliação melhor. Além disso, não só o conhecimento muda, mas também a nossa noção do que constitui o conhecimento e em que medida ele explica ou não os fenômenos também sofre variações ao longo do tempo. Dispomos de conceitos a respeito de seres, de forças e situações sobrenaturais, etc. aos quais podem ser vinculados fenômenos naturais. Temos ainda concepções a respeito de certas fontes das quais resulta o conhecimento, ou melhor, a pretensa superioridade da fonte que certifica a autenticidade do conhecimento em questão. Hoje temos definições de forças naturais, relações lógicas, leis da natureza, etc, que explicam fenômenos como conseqüências racionais dessas definições. Possivelmente haverá outras definições bem diferentes no futuro, que serão consideradas conhecimento. Ao falarmos em ideação, portanto, não estamos falando de uma forma particular de conhecimento mas sim dos processos mais gerais que levam a ele, de diferentes maneiras, em diferentes épocas. O que distingue a ideação é o fato de corresponder à busca do conhecimento – um esforço para obter compreensão em resposta a essa profunda necessidade da mente.

Em contraste, a ideologia consiste em possuir certos ideais ou, mais precisamente, tentar melhorar o estado de coisas no mundo. Baseia-se em noções do que é certo, justo ou desejável na sociedade humana, e é dirigida por um desejo de mudar a situação existente para algo melhor. É uma atividade dedicada a uma causa e sustentada por uma convicção ou fé internas. Talvez possa também ser considerada como um impulso humano fundamental – conceber uma alternativa para o que existe e lutar para torná-la realidade. Enquanto a ideação está relacionada com a compreensão do mundo, a ideologia está relacionada com a sua mudança para melhor. Enquanto a ideação é orientada por um impulso de conhecer o mundo, a ideologia é orientada por uma fúria de mudá-lo para melhor. Tal como a ideação, a ideologia pode assumir diferentes formas e mudar de tempos em tempos. Existem ideologias que visam a alcançar a ordem e a estabilidade na sociedade humana pela definição ou imposição de uma hierarquia entre as pessoas, bem como há ideologias voltadas para organizar as sociedades humanas de acordo com o que se acredita ser a vontade ou a proposta divina. Hoje, temos ideologias de igualdade entre os seres humanos, de direitos humanos universais, de proteção ao meio ambiente, etc. Haverá, sem dúvida, outras ideologias no futuro.

É interessante lembrar que, em seu estudo de aquisição da linguagem pela criança, Halliday (1975) identificou um estágio muito inicial em que a criança não tinha adquirido nenhuma linguagem, no senso comum do termo, mas estava, entretanto, usando sons como veículo do significado, ao que Halliday denomina ‘protolíngua’. Nesse estágio de desenvolvimento, Halliday pôde distinguir duas funções ou finalidades

distintas para o uso do som pela criança como um símbolo. Uma delas Halliday denominou função 'matética', ou seja, a de aprender, pensar e compreender o mundo, e a outra, denominada função pragmática, implica fazer coisas que se quer fazer, obter coisas que se quer ter, ou conseguir que outros façam coisas para nós. A função matética é "a linguagem como reflexão", como Halliday coloca, enquanto a função pragmática é "linguagem como ação" (p 87). A protolíngua é usada pela criança tanto como "um meio de aprender sobre a realidade" ou como "um meio de agir sobre a realidade" (p 106). Em outro escrito, Halliday, faz a generalização de que "toda linguagem humana é potencial para significar numa dessas duas maneiras, é um recurso para fazer e pensar." (Halliday 1985:7).

O que Halliday chama de função matética numa protolíngua da criança está muito próximo ao que chamamos de ideação. De fato, o modelo gramatical de Halliday para a linguagem normal do adulto tem uma metafunção correspondente que é chamada de função "ideacional". O que consideramos ideologia, por outro lado, é uma parte da função pragmática da criança, ou melhor, um produto dela. A ideologia aparece quando a criança deixa de querer coisas para si mesma e de querer que outros façam coisas por ela, passando por um estágio em que almeja que o mundo assuma determinada feição, começando a agir para concretizar aquele desejo. As análises de Halliday, portanto, indicam que ideação e ideologia são funções basicamente diferentes e que essa dicotomia se esboça muito cedo no desenvolvimento lingüístico humano.

Qual é a distinção entre ideação e ideologia do ponto de vista da lingüística formal que se contrapõe à lingüística funcional de Halliday? A distinção pode ser relacionada à competência lingüística enquanto fenômeno mental, e à língua enquanto fenômeno social. Acredita-se que os seres humanos são dotados de uma capacidade específica para a linguagem, ou melhor, de um conjunto específico de expectativas, opções, limitações, etc. sob cuja influência cada criança pode construir em sua própria mente o complexo gramatical da língua a que é exposta. A gramática é um sistema de regras ou relações que opera na mente de cada indivíduo e o habilita a usar a língua gramaticalmente e a elaborar sentenças que são ou não gramaticalmente corretas. A competência gramatical é, portanto, uma aquisição individual.

Entretanto, o indivíduo não é auto-limitado no desenvolvimento de uma competência gramatical. A capacidade inata de linguagem precisa ser ativada e suprida com dados da língua para que a competência gramatical possa emergir. Ou seja, o indivíduo precisa se engajar em interação – tentar compreender as pessoas, tentar passar coisas para os outros, elaborar o que é dito ou o que se quer dizer de modo a adquirir a língua da comunidade à sua volta. Existe, assim, também um lado social indispensável para o desenvolvimento da competência gramatical, embora essa seja uma conquista mais individual do que social.

Existe algo além da competência gramatical na linguagem. Há convenções de adequação na escolha e uso das formas de linguagem, condições que são desenvolvidas e partilhadas pela comunidade de linguagem e constituem, portanto, um bem social. Há também traços e impressões de acontecimentos sociais e políticos, acordos, atitudes, crenças, etc. carregados pelas formas da língua, constituindo algo como uma história cumulativa do discurso da comunidade. A língua é portadora de evidências do passado sócio-político da comunidade e age como um veículo de expressão para forças sócio-

políticas atuantes em cada momento. Ela mantém um registro do pensamento e das realizações de seus falantes.

Desse modo, uma dimensão da linguagem consiste em manter um sistema gramatical formal nas mentes dos falantes individuais. Outra dimensão está no registro de evidências sobre as atividades sócio-políticas da comunidade onde é falada. A primeira pode ser relacionada à ideação; a segunda, à ideologia. A gramática formal revela a língua como um instrumento complexo de representação dos numerosos sistemas do mundo e das variadas relações entre eles. Essa é, essencialmente, uma representação do mundo através de fenômenos objetivos e impessoais e está próxima da maneira pela qual tentamos conceituar fenômenos no mundo num esforço para entendê-los, identificando ou visualizando sistemas, processos e relações de modo objetivo e impessoal. A língua como indicador das atividades sócio-políticas, revela, por outro lado, as muitas crenças subjetivas, atitudes, preconceitos e discriminações que têm prevalecido numa comunidade e que continuam a existir. A língua é testemunha das diferentes formas de dominação e repressão que a comunidade experimentou e tem sido um instrumento de algumas formas de dominação e repressão (como, por exemplo, quando uma língua ou sotaque é considerada(o) superior a outra(o)). Este é um estímulo claro para a ideologia, evocando um sentimento de contestação da injustiça social e um forte desejo de colaborar para que as sociedades humanas se tornem mais justas e iguais. Embora a revolta se volte contra as injustiças e não para os reflexos dessas sobre a língua, ela é também percebida como um meio de transmitir, de modos mais ou menos dissimulados, as crenças e preconceitos que estão por trás das injustiças, às sucessivas gerações de falantes, ajudando destarte, a perpetuá-los. A ideologia procura desvendar tais atitudes dissimuladas, para que as injustiças possam ser vistas tais como são e combatidas com mais vigor.

A dominação e a repressão ocorrem em sociedade devido à distribuição desigual do poder sócio-político, e o objetivo da ideologia é aumentar o poder dos mais fracos para que ocorra uma distribuição mais igualitária. O poder é, portanto, uma preocupação central na ideologia. Entretanto, há mais do que um tipo de poder importante para a ideação. Como podemos notar, a ideação está relacionada a idéias de como o mundo é, e uma gama de idéias surge ou é desenvolvida como explicações contrastantes para um mesmo fenômeno. Algumas idéias, todavia, tornam-se mais poderosas do que outras, mais persuasivas, tanto intuitiva quanto racionalmente, mais bem sustentadas pela observação ou pela experiência, mais bem sucedidas em testes experimentais ou mais compatíveis com outras idéias sobre outros fenômenos. As idéias, portanto, têm poder, e algumas mais do que outras. O conhecimento do mundo que possuímos em determinada época pode ser reconhecido como as idéias mais bem sucedidas ou poderosas naquele dado momento. Não obstante, esse poder das idéias é muito diferente do poder sócio-político das pessoas em uma sociedade. O último é, essencialmente, um poder físico ou material, que funciona sob a influência do medo, diferente do poder das idéias o qual funciona sob o influxo da atração e da resposta intelectuais. Tais poderes têm operado amplamente no mundo: as idéias do mundo clássico europeu, a antiga filosofia budista da Índia, a arte e a ciência árabes e as invenções da China antiga, todas viajaram por vastas extensões do mundo, influenciando as pessoas e substituindo antigas visões do mundo, e os mais recentes conhecimentos da ciência e da filosofia da Europa e Estados

Unidos têm sido tão bem sucedidos que constituem o currículo da educação formal hoje em todas as partes do mundo. O outro tipo de poder, como sabemos, também se implantou de modo global sob as formas da conquista militar, colonização, controle ditatorial, discriminação baseada em hierarquias rígidas, etc.. Estamos realmente tão conscientes da predominância desse poder material que nem sempre lembramos do poder das idéias, dos pensamentos ou das teorias atuantes no campo da ideação.

Observem, incidentalmente, que os dois tipos de poder são relevantes dentro da própria ideologia. A ideologia lida com o poder sócio-político, no que concerne ao desejo de denunciar e reverter os efeitos injustos de uma distribuição desigual de tal poder. Porém, a ideologia também objetiva fazer com que as outras pessoas enxerguem as injustiças e se integrem à vontade de suprimi-las e de revertê-las. A ideologia constitui, portanto, uma percepção particular do funcionamento da sociedade, e uma linha particular de pensamento sobre o que precisa ser feito. Esta percepção e linha de pensamento é que atraem as pessoas. O poder envolvido aqui consiste na habilidade de seduzir outras mentes e provocar nelas uma resposta, tal como o poder das idéias, mas diferente do poder sócio-político. Além disso, pode claramente haver ideologias de vários tipos, todas buscando igualmente influenciar as pessoas. O fato de uma determinada ideologia, baseada na percepção de desigualdade de poder e acompanhada do desejo de corrigi-la, ser mais amplamente partilhada e mais bem sucedida do que muitas outras, mostra que ela tem mais poder persuasivo. As ideologias também são desiguais em termos de poder.

A distinção entre o poder das idéias e o sócio-político é importante porque não reconhecê-la pode levar a distorcidas asserções e conclusões. Alega-se, algumas vezes, por exemplo, que todo o conhecimento é interessado, significando que o poder atrás de idéias e teorias bem sucedidas é o mesmo que o sócio-político, exercido por aqueles que produzem ou promovem tais idéias ou teorias. É bem verdade que os seres humanos são criaturas que buscam o poder, e os que estão envolvidos numa atividade "ideacional" são tão humanos como quaisquer outros. Não é de surpreender, por isso, que os criadores de idéias e teorias tenham um lado egoísta ou de ambição de poder, e que alguns deles tenham usado o sucesso de suas idéias para obter status ou poder sócio-político. As idéias bem sucedidas normalmente angariam respeito profissional ou público para os seus criadores e, freqüentemente, também fama e riqueza. Contudo, nada disso prova que o sucesso das idéias no campo do conhecimento é, em geral, devido aos movimentos do poder sócio-político, ou de que não há nenhum poder para as idéias que não seja derivado do poder sócio-político dos que as produzem. Se acharmos que um simples indivíduo concebeu uma idéia de poder e também adquiriu poder sócio-político, isso não implica que há somente uma única forma de poder. Nem o fato de que idéias bem sucedidas possam levar ao poder sócio-político implica que tal poder é o que condiciona o êxito das idéias. Os dois tipos de poder são bem distintos, embora possam coexistir, coincidir ou estar relacionados de várias maneiras.

Observe-se, mais uma vez, que este argumento é tão relevante para a ideologia como para a ideação. Se há apenas um tipo de poder e o sucesso das idéias é condicionado ao poder sócio-político, então o sucesso das ideologias também deve ser condicionado ao poder sócio-político daqueles que as sustentam. Isto reduz a ideologia

a apenas uma forma de dominação e repressão na sociedade, ou pior, a apenas outro instrumento dos poderosos contra os sem poder.

Outro efeito estranho do não reconhecimento do poder das idéias se relaciona às idéias que se tornam igualmente boas ou más, igualmente fortes ou fracas, sem nenhuma razão inerente para qualquer uma delas ser mais bem sucedida do que a outra. Isto pode trazer um certo apelo para uma ideologia igualitária na medida em que ela retrata um mundo de idéias igualitário e, mais importante, na medida em que permite a alguém apontar possíveis alternativas para todas as idéias bem sucedidas e para alegar que o sucesso de certas idéias no passado foi, de fato, uma injusta supressão de outras. Entretanto, tais argumentos envolvem um grande desconhecimento da natureza do esforço ideacional, isto é, da natureza da busca do conhecimento. Na realidade, não se pode falar de verdade ou pertinência absolutas de qualquer idéia, e ninguém jamais asseverou isso no campo da ideação. Porém, isso não significa que todas as idéias têm um conteúdo igual de verdade ou correção; se assim fosse, não haveria nenhum conhecimento resultante do esforço ideacional e, na realidade, nenhuma busca séria do conhecimento. O conhecimento, como já observamos anteriormente, consiste nas idéias e teorias mais bem sucedidas (ou mais persuasivas, ou mais poderosas) sobre a natureza das coisas, disponíveis em um dado momento, e o sucesso de algumas idéias sobre outras é crucial para que tal corpo de idéias ou teorias possa emergir ou existir. Uma idéia ou teoria pode ser considerada verdadeira ou correta não em relação a alguma forma absoluta ou mais recente de verdade ou correção; mas, somente em relação a alguma outra idéia ou teoria que se percebe ou se demonstra menos verdadeira ou adequada. A escolha de uma idéia e o desenvolvimento de critérios para tal escolha, isto é, o teste de determinada teoria através de vários esforços para provar sua falsidade, é a essência da busca do conhecimento ou ideação. Uma situação em que nenhuma de duas idéias opostas consegue prevalecer sobre a outra caracteriza uma falha na busca do conhecimento, embora isso possa representar uma igualdade desejável.

É verdade que a preferência de uma idéia que mantenho num dado momento, e os critérios adequados para tanto estão todos sujeitos a alguma noção particular do que constitui conhecimento e como se deve buscá-lo. Houve, no passado, mais de um conceito do que é o conhecimento, conforme salientei anteriormente e haverá, sem dúvida, novos conceitos no futuro. Para citar um exemplo contemporâneo, a noção de conhecimento que tem prevalecido há algum tempo, como um corpo de princípios gerais, abstrações de alto nível, teorias explícitas e objetivas, etc, foi recentemente desafiada, como sabemos, pela definição de conhecimento como um conjunto de compreensões pessoais, de percepções subjetivas em situações específicas, de experiências ao invés de abstrações, etc. Há um conceito de verdade no pessoal e no particular, de acordo com esta nova definição, que se perde no processo de generalização e abstração. Existe um apelo intuitivo muito grande para este conceito que pode muito bem se tornar uma forma prevalecente de conhecimento algum dia, substituindo aquele que se baseia na generalização. Todavia, se isto acontecer, será ainda um construto ideacional, uma maneira de entender o mundo com seus próprios critérios para decidir o que é e o que não é uma concepção de verdade pessoal e particular, que pretensões prevalecem sobre outras, em que bases, etc. O fato de que formas de conhecimento podem variar e mudar não é um argumento contra a busca do

saber ou contra a necessidade de procedimentos relevantes e restrições nessa busca. Qualquer que seja a forma de conhecimento ainda assim será uma atividade ideacional, com algumas asserções sobre esse conhecimento, demonstrando-se mais bem sucedida do que outra, e não uma atividade ideológica que considera todas as asserções iguais.

Um outro efeito do não reconhecimento do poder das idéias é tratar a ideação meramente como um instrumento da ideologia. Não estou me referindo aqui a uma aplicação da ideação em ideologia, ou seja, o uso do conhecimento disponível (idéias e teorias) como uma fonte de apoio para mostrar a predominância da desigualdade, ou para apoiar igualdade. Isto poderia ser simplesmente um tipo de ideação aplicada, semelhante à ciência aplicada, matemática ou lingüística. O conhecimento que é aplicado (ou extraído), em tais casos, é ainda justificável em termos de ideação, não em termos do propósito ou causa a que deve servir. Refiro-me, ao contrário, ao esforço para criar ou construir uma teoria adequada a uma busca ideológica, como um tipo de filosofia inerente ou de um corpus de conhecimento pré-concebido. O que está sendo projetado como lingüística crítica e análise crítica do discurso me parece consistir total ou parcialmente numa teorização de propósitos orientados e, não é de se admirar que seu resultado até aqui não se sustente como teoria em termos ideacionais, conforme Widdowson (1998) mostrou recentemente. A teoria que é elaborada com um propósito ideológico não pode ser considerada um projeto de conhecimento em termos ideacionais; pode ser somente um instrumento ou apêndice da ideologia a que deve servir, uma forma de conhecimento certamente tendenciosa.

Deixem-me concluir esta discussão dando dois exemplos de como a distinção entre ideação e ideologia é relevante para o ensino de línguas. Ideação no ensino de línguas é uma concepção, do que é ser competente numa língua, de como essa competência se desenvolve e que forma de ensino pode ajudar ou retardar seu desenvolvimento. É uma compreensão do fenômeno do aprendizado de línguas e da relação entre aprender e ensinar. O fenômeno do aprendizado de línguas tem sido conceituado de diferentes modos – como um processo de memorizar e deliberadamente aplicar as regras da gramática, como memorização e recordação de expressões reais na língua, como formação de hábito, desenvolvimento de habilidades, de treinamento para atingimento de metas, etc. Uma concepção corrente é que um sistema gramatical abstrato toma forma na mente do aprendiz quando este está interessado em compreender e dizer coisas na língua. Quanto maior o interesse do aprendiz, melhor a formação de tal sistema. Isto indica que o ensino de línguas deve identificar os assuntos ou tópicos aptos a engajar as mentes dos aprendizes e organizar atividades de sala de aula com enfoque nesses assuntos. É bem provável que as questões ideológicas referentes à discriminação sócio-política, dominação e repressão sejam ricas fontes de tais assuntos e, por isso, úteis no ensino. Contudo, esta é ainda uma abordagem ideacional para a pedagogia da linguagem. Contrariamente a isto, há uma abordagem ideológica para o projeto, ou melhor, duas. Uma abordagem se preocupa em impedir que a pedagogia de línguas fique confinada ao desenvolvimento de um sistema gramatical nas mentes dos aprendizes, devendo, ao invés disso, alertá-los para as crenças e atitudes sócio-políticas contidas nas formas de língua, como salvaguarda para a falta de percepção inconsciente dos aprendizes quanto a essas crenças e atitudes. Esta é uma abordagem que procura acrescentar uma dimensão ideológica ao projeto ideacional, partilhando o espaço

pedagógico entre as duas. A outra abordagem ideológica procura usar o fato de que a língua carrega indicações de atitudes sócio-políticas com o fim de desenvolver nos aprendizes uma percepção das injustiças resultantes do poder sócio-político desigual, objetivando gerar um desejo de oposição a essas injustiças. Esta abordagem substitui o projeto ideacional por um ideológico, procedendo a uma mudança radical no objetivo da pedagogia da linguagem. Todas as três abordagens lidam com questões ideológicas, embora haja diferenças cruciais entre elas. A abordagem ideacional restringe a pedagogia das línguas ao desenvolvimento de um sistema gramatical interno, enquanto que a primeira das outras duas abordagens ideológicas procura dividir a atenção da pedagogia entre o desenvolvimento do sistema gramatical e a consciência social. A última abordagem ideológica pode ser considerada como seqüestradora da pedagogia da linguagem para servir à causa da justiça social.

O segundo exemplo se refere ao papel do professor da sala de aula na pedagogia de línguas. Existe uma tendência na pedagogia de línguas para que o professor não seja visto meramente como um implementador de decisões pedagógicas tomadas em níveis mais altos da hierarquia educacional, ou simplesmente como um consumidor de conhecimento pedagógico ou de teoria formulada por especialistas. Os professores teriam sua própria forma de conhecimento pedagógico, conseguida através de um contínuo envolvimento em eventos de sala de aula e contato recorrente com o fenômeno da aprendizagem. É provável, segundo este pensamento, que o ensino se torne mais produtivo se os professores forem capazes de desenvolver e delinear seus próprios conhecimentos e fazer disso a base de suas decisões de sala de aula. Esta é essencialmente uma visão ideacional, que concebe tanto uma forma de conhecimento possuído por e disponível para os professores em sala de aula, quanto uma relação causal entre o emprego desse conhecimento e a ocorrência de aprendizado. Há também uma visão ideológica, que vê os professores como sendo relativamente impotentes na hierarquia educacional e procura compensar esse desequilíbrio de status, colocando a tomada de decisões em um nível mais baixo. Ambas as visões favorecem o aumento do poder de decisão dos professores, mas, novamente, há uma diferença crucial. Na visão ideacional, a forma do conhecimento adquirido pelos professores é que justifica o seu poder de decisão. Na visão ideológica, é a baixa posição do professor na hierarquia educacional que justifica isto. A visão ideacional precisaria ser modificada se o ensino do conhecimento dos professores não se mostrasse mais eficaz em termos de aprendizado. A visão ideológica provavelmente deveria ser modificada se os professores se tornassem mais poderosos do que as pessoas situadas em outros níveis hierárquicos.

Posso talvez concluir, tentando resumir minha visão de ideação e ideologia. Vejo a ideação como a formação de idéias ou de teorias sobre a natureza de vários fenômenos, e como uma resposta para uma necessidade fundamental do ser humano que é compreender o mundo. Vejo a ideologia como a busca de um estado de coisas ideal no mundo, tal como a igualdade entre as pessoas, e como resposta compreensível para a existência da injustiça na sociedade. Não vejo nenhum conflito necessário entre as duas e acho que é natural em diferentes pessoas o desejo de se engajar em uma ou outra – ou em ambas, como faz Noam Chomsky. Entretanto, tenho séria dificuldade com um ou dois dos argumentos apresentados na sustentação da ideologia. Um é o argumento de

que não há ideação sem ideologia, e o outro de que a formulação de idéias e teorias sobre a natureza das coisas faz parte indissociável de um plano de luta pelo poder. Em resposta a este argumento, tentei fazer a distinção entre dois tipos de poder – o poder das idéias e o poder sócio-político – e mostrar como um não reconhecimento da diferença entre os dois leva a um grande número de erros conceituais. O outro argumento, passível de objeção na esfera da ideologia considera que ninguém pode estar desinteressado na questão ideológica – que aqueles que não participam de um movimento, estão necessariamente contra ele, uma vez que não tentam mudar as coisas é, de fato, permitir que as coisas continuem como estão, e, dessa forma, sustentar o estado de coisas existente. Não tentei levar este argumento à discussão porque não me parece questão aberta ao debate. É uma forma de argumento que pode ser direcionada em favor de qualquer causa ou de qualquer ideologia (incluindo a que é diametralmente oposta ao igualitarismo), e se seus partidários são tão fervorosos que não toleram o debate ou a divergência, sinto-me perturbado diante do fanatismo sinalizado por esse argumento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HALLIDAY, M.A.K. (1975). *Learning How to Mean - Explorations in the Development of Language*. London: Edward Arnold.
- _____. (1985). *Spoken and Written Language*. Victoria: Deakin University Press.
- JUDSON, Horace Freeland. (1985). The Rage to Know. In *Readings in Arguments* edited by Jeanne Fahnestock and Marie Secor. New York: Random House, pp. 65-76.
- WIDDOWSON, H.G. (1998). The Theory and Practice of Critical Discourse Analysis. *Applied Linguistics*, 19/1, pp. 136-151.

